

PAULO FRALETTI, Mestre da Psiquiatria Forense e Poeta

Guido Arturo Palomba

Tenho a honra de ser discípulo do ilustre mestre da Psiquiatria Forense brasileira, o professor Paulo Fraletti. Logo que me formei em Medicina queria aprender Psiquiatria e fui para o Manicômio Judiciário de São Paulo, "santuário do saber psiquiátrico-forense" em que o professor Fraletti ensinava com extrema dedicação a todos os que dele se aproximavam. (O professor ingressou no Manicômio Judiciário em 1948 e foi seu diretor de 1967 até 1972.)

Depois de deixar a casa, passando a batuta às mãos do saudoso José Roberto Bellelli, continuou lecionando, como catedrático de Psiquiatria, na Faculdade de Ciências Médicas de Santo André, e ministrando vários cursos de extensão universitária... e seus seguidores não perdíamos um.

Assim, fui ficando mais e mais próximo deste grande sábio dos misteres da alma humana aplicados à Justiça. Pude, com a proximidade, conhecer um outro



Arquivo APM

lado do querido mestre: o de poeta, dos *Poemas de Humor e de Sarcasmo*, da *Colheita Lírica*, dos *Poeminhos Epigramáticos*, das palavras escolhidas por natural vocação, a trazer sentimentos solidamente alicerçados no existencialismo profundo, dono de fantástica capacidade de síntese, somente possível aos homens nimbados de larga inteligência.

Sim, conheci, no decorrer das décadas de convivência, os dois Fraletti que no mestre floresceram: o professor de Psiquiatria Forense e o escritor... e nos dois há, como fulcro de sua superior mentalidade, um só Fraletti, o homem de ciência por amor à verdade, o erudito por insaciável curiosidade mental, o realizador por temperamento, o amigo querido.

Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina
Escrito por ocasião das homenagens a Paulo Fraletti,
em Pereiras, em setembro passado

O Centenário de Sérgio Buarque de Holanda

Roberto Machado Carvalho

Quem estuda ou analisa os meandros da formação do povo brasileiro sabe que três livros são considerados fundamentais: *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Jr., e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. A primeira edição deste último data de 1936, lançada pela Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, através da conhecida coleção "Documentos Brasileiros, dirigida por Gilberto Freyre. No mês de junho, dia 11, transcorreu o centenário de nascimento do antigo mestre da Universidade de São Paulo, o renomado historiador, sociólogo e literato Sérgio Buarque de Holanda. Deixou, em seus 80 anos de vida (1902-1982), uma importante contribuição à historiografia brasileira, fruto de acuradas pesquisas em arquivos públicos e privados, abrindo novas perspectivas para um melhor conhecimento e interpretação do Brasil. Costumava dizer: "Os livros me deram o sentido da História. É a vida em comprimidos". Eis aí o mestre que conheci melhor nos idos de 1967-68 quando o Departamento de História da USP já funcionava no campus da Cidade Universitária em São Paulo, transferido do imponente edifício da Rua Maria Antonia, centro da capital, onde cursamos a graduação nos anos 50. Sob a orientação do saudoso professor fizemos a pós-graduação em História da Civilização Brasileira. Ele havia conquistado a cátedra na Universidade de São Paulo por concurso realizado em novembro de 1958.

Sérgio Buarque de Holanda é pai do mais conhecido popularmente Chico Buarque, compositor e cantor. Residiu, por muitos anos, na Rua Buri, 35, bairro do Pacaembu, na capital. Na espaçosa residência montou uma das maiores bibliotecas particulares, compreendendo, além de livros, documentos valiosos.

Estava sempre aberta aos pesquisadores. Teses de mestrado e doutorado em História começaram ali, com livros, documentos e orientação do mestre. O acervo foi adquirido pela Universidade de Campinas, Unicamp.

Lembro bem das aulas ministradas nas tardes de quarta-feira pelo mestre historiador. Não era fácil acompanhá-lo, dado o volume de sabedoria que ouviamos. Um tanto dispersivo na didática, era preciso esforço para montar as aulas no contexto de uma sequência cronológica. A memória fantástica levava o professor, por exemplo, a explicar episódios de uma época, ora retroagindo no tempo em busca de explicações, ora avançando para demonstrar as conseqüências. Depois, voltava ao tema central. Esse jogo nem todos conseguiam acompanhar.

Muitos estudos sobre a obra de Buarque de Holanda, em especial nestes últimos 20 anos após a sua morte, apareceram para enriquecer a historiografia paulista e brasileira. A ex-aluna do mestre, historiadora e professora da USP Suely Robles Reis de Queiroz define o "mestre com carinho": "alegre, generoso, extrovertido, brincalhão, todos os que com ele conviveram sabem como são verdadeiros tais qualificativos... mas sério, se necessário, íntegro e justo também, não fazendo concessões quando se tratava de competência". O mestre sabia dar valor intelectual a quem realmente o tinha, com absoluta prioridade ao mérito, separando nitidamente a chamada "política universitária" – que resvala no pessoal – do saber.

A bibliografia deixada por Sérgio Buarque de Holanda é muito extensa, abrangendo livros, obras em parceria, colaborações, traduções, prefácios, artigos, entrevistas, resenhas de livros. Vamos nos ater a alguns livros mais conhecidos, além do mencionado *Raízes do*

Brasil. Com as datas das primeiras edições: *Cobra de Vidro*, de 1944, *Monções*, de 1945, *Caminhos e Fronteiras*, de 1957, *Visão do Paraíso*, com subtítulo *Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, de 1959, *O Extremo Oeste*, de 1986. Em obra coletiva, destaque para a *História Geral da Civilização Brasileira*, os sete primeiros volumes sob a direção de Buarque de Holanda.

Neste centenário de nascimento é justo relembrar a figura de um dos maiores historiadores do Brasil, infelizmente pouco conhecido ou lembrado, até mesmo por estudantes e professores de História...

Um bom momento para pensar nesta conclusão.

Roberto Machado Carvalho

Secretário Municipal de Cultura de Itu

Presidente do Clube

dos 21 Irmãos Amigos

Membro da Academia Paulista de

História

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural

Duílio Crispim Farina (presidente)

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

Rui Telles Pereira

Yvonne Capuano

Cinemateca

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca

Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina

Jorge Michalany

Coordenação Musical

Dartiu Xavier da Silveira

Da Febre Typhoide

Livro raro e pioneiro da historiografia médica, editado em São Paulo, em 1866, de autoria do doutor Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira

Duílio Crispim Farina

No longo jornada por livreiros-antiquários e alfarrabistas, nos desvãos dos escaninhos de velhas estantes e escaparates de um tempo antigo, dias d'outrora, surgem às vezes preciosidades ímpares, volumes, tomos únicos que em verdade, por acasos ou determinismos da Providência, vão permitir ao estudioso analisar e divulgar páginas essenciais da memória histórica nacional.

Nada existe por acaso. Sempre há causalidade. Forças impelem o pesquisador mais de uma vez, por verdadeiras quimiotaxias positivas, a fontes até então insuspeitadas. Não cai uma folha de uma árvore sem que se manifeste a vontade do Pai Eterno, do Criador. Assim em suas andanças o historiógrafo recebe a bem-aventurança dos encontros felizes com velhos códices, manuscritos raros ou livros de valia e maior procura.

Esse caso aparente levou-nos ao preciosíssimo *Da Febre Typhoide e Enfermidades subvientes no Brasil, e seu Tratamento Homoeopático*, de Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira, impresso em São Paulo, na Typographia Litteraria à Rua do Imperador, 24, no ano da graça de 1866.

Na folha de rosto do trabalho pioneiro, o autor Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira apresenta-se como médico homeopata, professor da Escola Homeopática do Brasil, antigo médico da Enfermaria de São Vicente de Paulo, na Corte, professor de Medicina Legal, em São Paulo, autor de diversas obras e outros escritos sobre medicina, literatura, história, viagens, costumes, política etc., e membro de diversas corporações médicas, científicas e literárias.

Refere o livro, em suas páginas de apresentação, ser o médico escritor de numerosas obras vindas à luz da impressão nos anos de 1851 a 1864. E entre elas, em proselitismo meritório, aquelas referentes à Medicina, como:

- *Tratado de medicina Homeopática* em 1852 (a 2.ª edição de 1857)
- *Pathogenesia Homeopathica Brasileira*, 1856
- *Apendice à Prática Elementar de Homeopathia*, 1857
- *Guia Médico (Homeopathia das Famílias)*, 1858
- *Memória sobre o Cholera Morbus*, 1855
- *Memória sobre o Magnetismo e Sonambulismo*, 1853
- *Estudos sobre os diferentes systemas médicos*, 1864

- *Deveres do Homem* (para uzo da infancia), 1865
- *Memória sobre o infanticidio*, 1857
- *O médico Popular*: jornal médico, 1851
- *O Athleta*: jornal médico, 1851

O saudoso Carneiro Giffoni, incansável pesquisador da bibliografia médica em seu *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro de Escritores Médicos (1500-1899)* inscreve Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira como médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, afirmando, com sua abalizada palavra, que "nada mais foi encontrado" sobre suas notas biográficas. Elenca algumas obras literárias, em relação restrita, que não atinge aquela de Sacramento Blake, a demonstrar que o atilado pesquisador Giffoni, com toda a sua operosidade, só encontrou poucos informes em não menos escassas fontes de referências.

Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, baiano ilustre, é autor do renomado *Dicionário Bibliographico Brasileiro*, editado em sete volumes pela Typographia Nacional no Rio de Janeiro, entre 1883-1902.

No item "Pedro Ernesto" registrou de forma significativa: "Baldado foi meu esforço para obter indicações a seu respeito. Só sei que em 1878 era homeopata no Rio de Janeiro, e como tal ele se declara em uma de suas obras, e ainda mais como ex-professor de Medicina Legal e membro de várias associações de letras e ciências. De associações sei pelo *Almanak Administrativo, Comercial e Industrial de Laemmert*, para 1859, que era secretário do Instituto Episcopal Brasileiro e já médico homeopata. Escreveu, além de artigos em jornais sobre indústria, artes, literatura, história e política, publicados de 1851 a 1870, os seguintes trabalhos:

- *Tratado de medicina adaptado ao systema homoeopathico para uso das pessoas não profissionais em medicina*. Rio de Janeiro, 1852, 383-20-VIII, pags. 1 fl. in-4.º - Houve outra edição em 1857.
- *Memoria sobre o magnetismo e o somnambulismo*. Rio de Janeiro, 1853.
- *Memoria sobre o cholera-morbus*. Rio de Janeiro, 1855 - Houve outra edição com aumentos em 1865.
- *Pathogenesia homoeopathica brasileira* em 1856, 259 pags. in-4.º
- *Appendice á pratica elementar (Tratamento por medicamentos indigenas)*. 1857.

- *Guia medico homoeopathico (Homoeopathia das familias)*. 1858.
 - *Estudos sobre os diferentes systemas medicos (A allopathia não é sciencia)*. 1864.
 - *Memoria sobre a homoeopathia e seu tratamento*. 1865.
 - *Memoria sobre a hydrophobia e seu tratamento*. São Paulo, 1866, 130 pags. in-4.º
 - *Memória sobre o infanticidio, julgado pela religião, pela moral e pela lei*. 1870.
 - *Tratamento homoeopathico da febre amarella, febre typhoide, febre perniciosa, cholera-morbus, escarlatina, variola, sarampo e hydrophobia*. Rio de Janeiro, 1873, 133 pags. in-8.º
 - *Febre typhoide e enfermidades sobrevenientes no Brazil e seu tratamento*. Rio de Janeiro, in-4.º
 - *Deveres do homem (para uso da infancia)*. 1865 - Houve outra edição em 1872.
 - *O escravo fugido*: romance brasileiro. 1864.
 - *Episodio do Carnaval*: romance brasileiro. 1864.
 - *Castigo singular*: romance brasileiro. 1864.
 - *Hippolyto e Isabel*. 1860.
 - *A vingança*: romance brasileiro. 1851
- Redigiu:
- *O Medico popular*: jornal medico. 1851.
 - *O Athleta*: jornal medico. 1852.
 - *O Cosmopolita*: jornal litterario e scientifico. 1854.
 - *O Echo do povo*: jornal de interesses populares. 1857.
 - *O Monitor Brasileiro*: jornal politico. 1858.
 - *O Vigilante*: jornal maç., 1870-1871.
 - *Resumo analytico e demonstrativo dos estatutos e organização da Sociedade Protectora dos empregados publicos e Monte-pio popular*. Rio de Janeiro, 1876, 15 pags. in-4.º com um mappa.
- Sacramento Blake repete exatamente a bibliografia mencionada por Pedro Ernesto em seu *Da Febre Typhoide* de 1866, acrescida de obras novas publicadas até 1873.
- No campo médico incluíam-se trabalhos, com bons títulos, a demonstrar o evoluer, a curiosidade científica e o labor de Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira:
- *Apendice á pratica elementar (Tratamento por medicamentos indigenas)*, 1857.

- *Memória sobre hydrophobia e seu tratamento*. São Paulo em 1866.
- *Tratamento homeopático da febre amarela, febre typhoide, febre perniciosa, cholera-morbus, escarlatina, varíola, sarampo e hydrophobia*. Rio de Janeiro, 1873.

E ainda acrescentava à relação *Febre Typhoide e enfermidades sobrevenientes no Brasil e seu tratamento*, Rio de Janeiro, in-4.º (sem data).

Este último título, dado como editado no Rio de Janeiro, sem data, é o do livro motivo destas notícias, que no exemplar de nossa posse, impresso em São Paulo, tem a data de 1866.

Ainda, ao compulsar a *História da Medicina no Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1947. 2v., do mestre Lycurgo de Castro Santos Filho, podemos anotar que Albuquerque de Oliveira "médico homeopata no Rio de Janeiro, jornalista, fundou e redigiu jornais de propaganda médica e outros tais como: *O Cosmopolita* (1854, jornal literário e científico), *O Eco do Povo* (1857), *O Monitor Brasileiro* (1858, jornal político) e *O Vigilante* (1870-71, jornal maçônico); todos no Rio de Janeiro."

De qualquer forma a impressão da *Febre Typhoide*, em São Paulo, no ano de 1866 faz desse trabalho uma das edições pioneiras da Paulicéia. O doutor João Henrique Teodoro Langgaard (natural da Dinamarca e radicado em Campinas, após clinicar em Ipanema e Sorocaba) publicou sua *Arte obstétrica ou Tratado Completo dos Partos*, em 1862, mas na Laemmert, do Rio de Janeiro. Também obra de Langgaard, o *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*, de 1865, foi impresso, pelos irmãos Laemmert (Eduardo e Henrique) na capital do Império.

Tudo leva a crer que esse livro raro, pouco conhecido e compulsado, que sai da noite negra do olvido da História para a memória da Medicina e da Ciência, tem, até novas constatações, as galas de ser o primeiro trabalho impresso, sobre medicina (febre tifóide) no nosso São Paulo do Planalto de Piratininga.

Como corolário, é necessário enfatizar que este *Da Febre Typhoide e Enfermidades sobrevenientes no Brasil* tem apresentação verdadeira de tese, com pertinente sistemática científica, muito boa aliás para o tempo. Dividido em sete partes, com um evoluir gradativo e fundamentado, apresenta noções bem fundadas para o antanho tempo em que foi redigido:

- 1) Natureza da Febre em geral
- 2) Natureza da Febre tifóide
- 3) Causas da febre tifóide e circunstâncias que favorecem o seu desenvolvimento
- 4) Das leções dos tecidos e das funções

5) Descrição da invasão e desenvolvimento da febre tifóide

6) Tratamento da febre tifóide

7) Das enfermidades sobrevenientes às afecções tifóides e seu tratamento - Cuidados higiênicos

Hemorragias subcutâneas. Contusões e ulcerações. Parotitis. Surdes. Furunculoses. Abcessos. Milliae. Erupções. Diarréias. Tosse. Suores. Edema. Tísica. Cuidados higiênicos.

Lista de medicamentos que nesta obra se empregão nas afecções tifóides e suas sobrevenientes.

Notas: Dos tónicos. Racionalismo Alopático. Derramamento de sangue pela lanceta. Teorias alopáticas. Terapêutica alopática. Das intermitentes. Pseudo tifo. Preventivos. Urina dos tifoideos. Dos revulsivos. Ensino da medicina nas escolas alopáticas. Dos purgantes e vomitórios."

O precioso informativo de Antonio Egídio Martins, *São Paulo Antigo 1554 a 1910*, inclui, em relação de médicos clinicando nesta cidade de Anchieta em 1865, o doutor Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira com consultório montado à Rua de Santa Teresa.

Como curiosidade enumeramos os facultativos, em trabalhos, em 1865, segundo a lista de Egídio Martins: "Dr. Frederico Borghoff, médico alopata, clinicando nesta capital, assim como o Dr. Fidencio Nepomuceno Prates, rua da Luz; Dr. Francisco Honorato de Moura, rua de São Bento; Dr. Guilherme Ellis, rua Direita; Dr. Gustavo Balduino de Moura e Camargo, rua do Carmo; Dr. Inácio Aquiles Betholdi, atrás de Santa Efigênia; Dr. Joaquim Justo da Silva, rua da Cadeia, depois Rodrigo Silva; Dr. José de Calazans Rodrigues de Andrade, largo de São Gonçalo; Dr. Antero dos Reis Montenegro, rua do Imperador, depois Marechal Deodoro; Dr. Luís Lopes Baptista dos Anjos, rua Direita; Dr. Macedo Soares, rua do Carmo; Dr. Pedro Romão Borges de Lemos, rua da Imperatriz; cirurgião-mor Salvador Machado de Oliveira, rua do Imperador, depois Marechal Deodoro; e Dr. Teodoro Reichert, rua de São Bento, existindo também no mesmo ano de 1865, nesta capital, os seguintes médicos homeopatas: cirurgião-mor Candido Ribeiro dos Santos, largo do Palácio; Carlos Marques, rua do Imperador, depois Marechal Deodoro; e Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira, rua de Santa Teresa. Parteira Mme. Cesarina Chameroy, rua do Quartel, depois rua Onze de Agosto".

Duílio Crispim Farina

Médico

Membro da Academia Paulista de História

Membro da Academia Paulista de Letras

Homenage

Para nós esta é uma noite muito especial, muito gratificante, Dia de São Lucas, Dia do Médico, na qual temos a honra de, em nome de toda a diretoria da Associação Paulista de Medicina, saudar o nosso querido professor de Anatomia Patológica, Jorge Michalany, criador do museu que hoje aqui se inaugura.

É especialmente gratificante porque temos, também, em nome de toda a diretoria da entidade, o privilégio de cumprimentar a família do professor Ernesto Mendes, criador da Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina, que reúne valioso acervo, fruto da sensibilidade de um médico que soube, à época, escolher não somente os pintores que se tornariam grandes, mas também suas especiais obras.

Desejamos também cumprimentar o nosso querido mestre de humanismo, o professor Duílio Crispim Farina, escritor clássico, historiador, médico, psicólogo, o primeiro diretor cultural desta nossa associação. O doutor Farina criou, também, a biblioteca que hoje, em justa homenagem, tem o seu nome.

Temos também o privilégio de dirigir cumprimentos aos professores Samuel Goldman, Antonio Valdemar Tozi, e Carlos Alberto Salvatore, médicos, diretores culturais que sucederam com brilhantismo o professor Farina, empreendendo dinâmico ritmo às coisas da cultura médica.

Senhoras e senhores, hoje, aqui, inaugura-se o Museu de História da Medicina Jorge Michalany.

Conhecemos o professor Michalany na década de 70. Éramos alunos do querido mestre, cadeira de Anatomia Patológica, na Faculdade de Ciências Médicas de Santos.

A época, os estudantes mais, entre aspas, aplicados, estudávamos muito o mar e as lindas noites litorâneas, só que sempre com a consciência pesada, pois tínhamos, no dia seguinte, que nos avir com o professor Michalany. E aí daquele que não soubesse a matéria e ousasse responder uma de suas perguntas com respostas sem consistência. O professor Michalany, muito humano e acolhedor de todos os que dele se aproximavam, era lutador de boxe e exímio judoca, o que aumentava, e muito, a nossa responsabilidade com as

em a Jorge Michalany no Dia do Médico

Guido Arturo Palomba



Em primeiro plano, o professor Jorge Michalany recebendo os cumprimentos de Guido Arturo Palomba, diretor Cultural da APM, e José Luiz Gomes do Amaral, presidente da APM

ótimos livros, de Medicina e de história da São Paulo antiga.

Nos anos 50, contratado para organizar e dirigir o então recém-criado Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa de Misericórdia de Santos. Em 2002, criador do Museu da Associação Paulista de Medicina, que hoje se inaugura, com o nome, em justa homenagem, de Museu de História da Medicina Jorge Michalany.

Professor Michalany, o senhor, no seu caminhar preciso, firme, glorioso, teve desafios e embates de grande importância, enfrentando poderosos, esgrimindo aqui e ali, e desta forma edificou o que muitos só souberam subestimar. Como Camões dizia dos bravos homens, o senhor com coragem e tenacidade foi para além da Taprobana, a mostrar com o seu exemplo de vida, tal como Pessoa escreveu, que tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

Professor Jorge Michalany, com todo o carinho deste seu eterno discípulo, em nome da Diretoria da Associação Paulista de Medicina, de modo especial do presidente desta casa, seu aluno, o professor José Luiz Gomes do Amaral, receba os nossos parabéns, os nossos agradecimentos e estas palmas.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina
Discurso por ocasião da inauguração solene do Museu de História da Medicina em 18.10.2002

respostas. Assim acabamos aprendendo, entre aspas, *manu militari*, Anatomia Patológica com grande proveito, pois é a mais importante especialidade médica dentre todas as outras da Medicina: é a que, de fato e de direito, dá o diagnóstico, portanto, está na base da terapia clínica e cirúrgica.

Bons tempos aqueles da faculdade, tempos passados... E, senhoras e senhores, para grande alegria nossa, voltamos a encontrar o querido professor, com todo o vigor de sempre e muito motivado para criar um museu de história da medicina. Assim, no ano 2000, a Associação Paulista de Medicina o receberia contente e orgulhosa, pois o professor escolhera a nossa entidade para sediar o museu, indo ao encontro do ideal maior do sonho imorredouro dos médicos idealizadores desta associação. E hoje, Dia do Médico, Dia de São Lucas, recebe o seu grande presente, um lugar inteiro no qual esta geração e as próximas possam ter, na História, o supedâneo seguro para se alçarem ao futuro.

O professor Michalany tem uma vida maravilhosa, mestre plural na mais pura acepção do termo.

Professor Michalany, permita-nos trazer em breve memorial um pouco de sua laboriosa e fecunda vida, traçando, em apertadíssima síntese, os pontos de partida e as conquistas alcançadas.

O senhor nasceu em 1916, filho de dona Victória La Torraca Michalany e do conceituado médico doutor Nagibi Faris Michalany — e hoje, em 2002, casado com Gladys Michalany, é pai do ilustre médico Nilceio Michalany, e do ilustre economista Omar Michalany.

O senhor, aos 16 anos de idade, em 1932, já era um herói: cabo enfermeiro do Corpo de Saúde da Legião Paulista da Revolução Constitucionalista de São Paulo — agora, em 2002, comandante supremo da Anatomia Patológica brasileira.

Em 1939, monitor da cadeira de Anatomia Descritiva e Topográfica da Escola Paulista de Medicina — em 2002, professor catedrático-emérito dessa faculdade e catedrático-emérito de mais três não menos importantes faculdades de Medicina do Brasil.

Em 1942, formado médico — em 2002, além dos títulos de professor de Medicina, é membro de 15 entidades médicas, recebeu 15 homenagens solenes, três medalhas de condecoração, cinco prêmios científicos, três Carlos Napoleão La Terza, um Mario Gracco e um Royton de Medicina.

Nos anos 40 e 50, as primeiras monografias em português e em inglês — em 2002, 80 publicações de trabalhos de pesquisa, inúmeras biografias, crônicas diversas sobre música, ecologia, xenofobia, e cinco

Funções da Pena e Imputabilidade

Paulo José da Costa Jr.

Em sua essência, a pena é retributiva. *Punitur quia peccatum*. Tanto assim que a pena é proporcional ao mal praticado. Crime mais grave, sanção maior.

O ideal seria que a pena, ao ser aplicada, regenerasse o condenado, exercendo uma função emendativa sobre ele. Lamentavelmente, porém, a pena, ao ser aplicada, nas condições que nossos estabelecimentos prisionais apresentam, não só não educa como exerce uma função negativa, corrompendo ainda mais o preso. Em outras palavras: ao invés de exercer uma *reformatio in mellius*, produz, na pessoa do condenado, uma *reformatio in pejus*.

Conheço um fato, ocorrido na velha Casa de Detenção da Av. Tiradentes, que merece ser relatado. Um indivíduo preferiu cumprir a prisão civil a pagar a pensão à esposa. Dizia textualmente: "Vou para a cadeia, mas não pago a pensão para aquela desavergonhada".

Quando entrou no presídio, era um homem trabalhador e honrado, sem necessidade de recuperação alguma. O cárcere transformou-o, de cidadão reto, a estelionatário. Aprendeu na cadeia a arte de ludibriar o próximo. Donde se comprova que o presídio muitas vezes se transforma em escola do crime. Não só não recupera como deteriora, provocando uma *reformatio in pejus* na pessoa do condenado.

A grande função da pena é aquela de natureza intimidativa. *Punitur ut ne peccetur*. A pena haverá de funcionar como um espantalho, afugentando e desencorajando o homem da prática do crime. A maioria dos homens não delinque por temor à pena. O crime de usura é por quase todos praticado, porque o delito previsto em lei configura letra morta. Se se punisse habitualmente a usura, muitos daqueles que em prestam numerário a juros extorsivos, de 10% ao mês, não o fariam, por temor à pena.

Grispigni escreveu que 90% da humanidade não delinque por temor à pena. Cinco por cento, compostos pelos eleitos, santos, castos e puros, não delinquem de modo algum, mesmo que não existisse pena nem castigo. E os outros 5%, compostos por aqueles que têm uma inclinação especial para o crime, uma inevitável *penchant au crime*, analgésicos morais, indiferentes à sorte das vítimas que lhes caem nas mãos, delinquem sempre, de qualquer modo. Ainda que haja pena de morte, não se detêm diante de nenhum tipo de ameaça. Nasceram para o crime.

A função intimidativa da pena haverá de exercer-se sobre aquela grande fatia da humanidade que não é integrada nem pelos homens santos nem pelos homens perversos, nascidos para o crime e para a prática do mal.

Como, entretanto, a ameaça abstrata da pena irá atingir os inimputáveis, os menores de 18 anos, que não estão ao alcance da pena?

Quando da elaboração do Código Penal de 1940, estabeleceu-se uma ficção normativa, de que os menores de 18 anos não têm capacidade para entender o caráter criminoso do fato. Ou, então, se dispusessem dessa capacidade de entendimento, não teriam condições de se determinar de acordo com esse entendimento, contendo e reprimindo o impulso criminológico, mais forte que o agente.

Foram tornados inimputáveis, mercê de uma ficção normativa, os menores de 18 anos, por um golpe de mágica do legislador, que os equiparou aos loucos. O Direito Penal não poderá aplicar-lhes a sanção penal, excetuadas aquelas penas brandas, de um máximo de três anos, previstas pelo Estatuto do Menor e do Adolescente. Resta aos menores o internamento em estabelecimentos como a Febem, de resultados

negativos e desastrosos, funcionando como verdadeiras academias do crime.

Os menores, quando surpreendidos na prática de um crime, advertem a autoridade: "eu sou menor", ostentando com atrevimento o escudo da impunidade penal. É como se dissessem "não toquem em mim, eu sou menor".

Vai daí, os maiores se servem do menor por esse fato preciso: porque são intangíveis.

Um grande percentual de criminalidade apresenta-se entre os 14 e os 18 anos, exatamente porque os delinquentes dessa faixa etária sabem que não estão ao alcance do Direito Penal. Podem delinquir à vontade que receberão, quando muito, a reprimenda máxima de três anos de prisão prevista no deficitário Estatuto do Menor e do Adolescente.

É princípio de hermenêutica que o ordenamento jurídico é um todo harmônico, que não pode abrigar contradições. Pois bem. O menor de 18 anos, desde que maior de 16, poderá escolher o supremo magistrado da Nação, o deputado ou o senador que irá representar no Parlamento Federal seu Estado, o vereador de sua cidade. Perante o Direito Constitucional, é considerado capaz; perante o Direito Penal, é incapaz. Não tem a capacidade penal de entender e de querer (*capacità di intendere e di volere*). Uma coisa não pode ser e deixar de ser ao mesmo tempo. Mas o mesmo menor pode ser considerado incapaz perante o Direito Penal e capaz perante o Direito Constitucional – demonstração inequívoca da desarmonia existente.

A desarmonia mostra-se mais evidente se o jovem de 16 anos, ao exercer seu direito de voto, vier a praticar um crime eleitoral qualquer. Por ser inimputável, não responderá pelo crime praticado, o que é, além de ilógico, discriminatório e inaceitável.

Proclama-se com ênfase que, no Direito pátrio, todos são iguais perante a lei. Não são. O menor de 16 anos, se praticar um crime eleitoral, não é punido. O menor de 18 anos será reprimido.

Não se justifica mais o limite mínimo da imputabilidade penal aos 18 anos. Mesmo porque, estimulado e encorajado pela impunidade, o menor de 18 anos e maior de 16 é responsável por grande número de crimes violentos, que estão a merecer reprimenda severa, ainda que a execução da pena tenha caráter pedagógico.

Na Europa, o limite mínimo da imputabilidade é 14 anos. Na França, pretende-se retroceder para 13.

Na América do Sul, somente o Uruguai estabelece o limite mínimo aos 18 anos, como o Brasil. Todos os demais fixam-no em 16 anos ou em menos.

Note-se que pesquisa recente, realizada entre os meses de julho e agosto pela Toledo & Associados nas grandes cidades e capitais do país, demonstrou que 87,9% dos brasileiros consultados foram favoráveis à redução da idade penal de 18 para 16 anos.

Retrocedido o limite mínimo da imputabilidade penal para 16 anos, ou mesmo para 14, a pena imposta haverá de ser eminentemente pedagógica: ludoterapia e laborterapia. Poder-se-ia cogitar mesmo da execução penal em estabelecimentos apartados para menores, de 14 a 20 anos de idade.

Nada impede que se siga o modelo italiano. Na península, os menores de 14 a 20 anos são julgados por tribunais especializados, *tribunali per i minoreni*. Lá, o Direito Penal caracteriza-se por um acentuado exame da personalidade, averiguando-se os antecedentes pessoais e familiares dos menores delinquentes sob o aspecto físico, psíquico e ambiental.

Por outro lado, a sanção deverá cumprir finalidade educativo-preventiva, com ampla individualização do tratamento. A pena, desde que não supere os três anos, será substituída pelo perdão judicial ou pela sanção pecuniária.

A liberação condicional poderá ser ordenada a qualquer momento da execução da pena. A reabilitação será sempre concedida, desde que o menor se mostre emendado. Todas essas medidas serão aplicadas pelo Tribunal de Menores, integrado por magistrados especializados e por leigos, escolhidos entre pedagogos, psicólogos, biólogos, psiquiatras e antropólogos criminais.

Estamos convencidos, de há muito, da necessidade desse retrocesso da imputabilidade. Ao tempo do Código Penal de 1969, da lavra do grande Nelson Hungria, ele introduziu a possibilidade de, em certos casos em que o psiquiatra atestasse a maturidade do menor de 16 anos, responder pelo crime praticado. Foi após aceso debate, travado entre mim e o grande penalista, em conferência promovida pelo Instituto Latino-Americano de Criminologia, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que ele mudou de opinião.

Na porta da faculdade, diante dos portais das Arcadas, balbuciou o grande mestre:

– Paulo, você tem razão. Vou reduzir a imputabilidade penal para 16 anos, em certos casos.

Cumprido o prometido, dias depois, alterando o projeto de sua autoria, para reduzir a imputabilidade penal para 16 anos, sempre que o infrator evidenciasse maturidade suficiente para responder pelo delito praticado.

Se assim era em 1969, que dizer do final de 2002, com a tecnologia a caminhar a passos largos, com o mundo globalizado? Sustentar ainda, tal como em 1940, que o menor só entende o caráter criminoso do fato praticado aos 18 anos é um verdadeiro absurdo. Será inadmissível, sob todos os aspectos, insistir teimosamente em manter a imputabilidade penal aos 18 anos. Só os estultos ou os teimosos poderão insistir nessa absurda idade-limite.

Paulo José da Costa Jr.

*Professor Titular de Direito Penal da
Universidade de São Paulo
Professor Livre Docente da
Universidade de Roma
Doutor Honoris Causa
pela Universidade
Católica Portuguesa*



Cosme e Damião

Gêmeos, médicos, mártires,
santos patronos dos cirurgiões

Os médicos

Cosme e Damião foram dois gêmeos irmãos, que nasceram, por certo, perfeitos e sãos, ignorados até agora a data e o local, constando falecidos na Síria, afinal, cerca do ano duzentos e noventa e cinco, com vidas marcadas por mui trágico vinco.

Irmãos gêmeos dados como MÉDICOS, cujos esforços haveriam sido homéricos, teriam na Síria exercido a MEDICINA, sem qualquer remuneração – que a História ensina; de *anargyroi* tomando o cognome fagueiro, por serem contrários, avessos ao dinheiro.

Os mártires

Bem na época de Diocleciano imperador, o procônsul Lisias causou-lhes muita dor: foram submetidos a martírios terríveis, de ao delírio levarem os mais insensíveis, como: tormentos de fogo, lapidação; degolados, por fim, sem comiseração.

Dos dois, reunidos foram os restos mortais, tão logo terminados os atos letais, transportados, então, para Roma, num templo, aos dois consagrado, bem servindo de exemplo, para que enaltecida fosse sua glória, perpetuando, para sempre, sua memória.

Os santos

Glorificando, de ambos, a morte tão tétrica, deveras reconhecida, a Igreja Católica aos dois declarou-os SANTOS, como premissa, inscrevendo seus nomes no cânon da missa: aos vinte e sete de setembro, sua festa, dia em que a prece mais forte se manifesta.

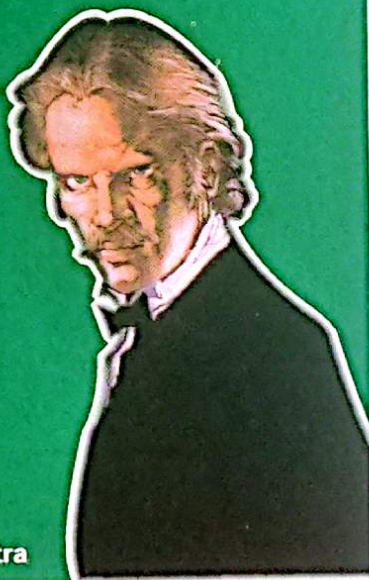
O culto dos dois santos

Por toda a Europa se alastrou logo seu culto, em muitos países ganhando grande vulto: várias igrejas de Itália, de Portugal, de Espanha, de Flandres, de França, por igual; foi assim que a devoção aos dois MÉDICOS SANTOS propagou-se a muitos e longínquos recantos.

Confrérie et Collège de Saint-Côme, fundada em Paris no século treze, destinada a reunir cirurgiões da comunidade, numa associação médica, com dignidade, de toda Europa tornou-se bem prestigiosa, e, até a Revolução Francesa, a mais famosa.

O preito aos DOIS MÁRTIRES chegou até nós, na Freguesia de Igaraçu, muito após, de Pernambuco, bem no início da existência da então capitania, já em plena vivência; daí que se expandiu bem por toda a nação, propiciando aos devotos a veneração!

Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra



Quem Foi Asclépio?

Alexandre Campos Moraes Amato

ASCLÉPIO, na mitologia grega ou Esculápio, na mitologia romana, é o principal deus da Medicina. A história diz que a bela Coronis, uma mortal, entregou-se ao deus-sol Apolo, tendo engravidado. Mas casou-se com Ischis, a quem havia sido prometida. Apolo matou Ischis, e sua irmã,



Artemisa, matou Coronis. Antes que o corpo de Coronis fosse incinerado, Apolo roubou Asclépio e entregou-o aos cuidados de Quíron. Este foi o responsável pela educação e criação do menino, que aprendeu todos os segredos da arte curativa com plantas medicinais. Quando cresceu, Asclépio tornou-se tão habilidoso, que era capaz de ressuscitar os mortos. Preocupado com a despovoação do "além" e a ordem natural das coisas, Zeus, o principal deus do Olimpo, matou Asclépio com um raio, mas em seu reconhecimento, levou-o aos céus e transformou-o em divindade. Sua mulher, Epione, acalmava a dor; sua filha Higéia, simbolizava a prevenção das doenças; outra filha, Panacéia, simbolizava o tratamento das doenças; seu único filho, Telésforo, simbolizava a convalescença. Sempre que uma peste ou epidemia assolava uma região, os médicos saíam para matar as cobras, pois acreditavam que esses seres demoníacos eram os causadores das doenças. Estando com a cobra enrolada em seu bastão, Asclépio tem o domínio das doenças, curando seus pacientes. Com o tempo, a serpente no bastão de Asclépio tornou-se o símbolo da Medicina, enquanto a taça e a serpente de Higéia passaram a simbolizar a Farmácia. Segundo alguns autores, o grande Hipócrates é o décimo-nono descendente de Asclépio e o vigésimo a partir de Zeus. O avô de Hipócrates, também médico, chamava-se Hipócrates, mas nunca alcançou a fama daquele que se tornou conhecido como o pai da Medicina.

Alexandre Campos Moraes Amato
Doutorando em Medicina